

A Sagrada Escritura presta sua homenagem aos velhos com reflexões em poesia e prosa. A exegese do poema aqui apresentado se dá pela apresentação da estrutura literária do livro em que se encontra, a abordagem da temática de todo o Eclesiastes, o enfoque da situação existencial da velhice e a explicação do objetivo do autor. Segue-se a explicação do poema e o comentário, incluída também a indicação do contexto imediato para salientar sua relevância como mensagem de valor perene.

Poema sobre a velhice

(ECL 12,1-7)

*Luís Stadelmann, SJ**

* O Autor, Doutor em Línguas Semíticas e Mestre em Ciências Bíblicas, é Professor de Exegese Bíblica no ITESC.



Introdução

A Sagrada Escritura presta sua homenagem aos velhos com reflexões em poesia e prosa. São páginas inspiradas pela dor da separação de quem se despede da vida terrena e encara a fatalidade da morte, sem ressentimento ou tristeza, e leva em conta o desprendimento de tudo o que possui porque vai deixá-lo para trás. Pensar na morte durante diversas etapas da vida humana serve de estímulo à motivação para aproveitar o tempo. Na velhice se pensa na morte com nostalgia dos vínculos afetivos na convivência humana, que são projetados para a vida no além. Daí, os velhos que estão por encerrar sua trajetória na terra se preparam para empreender confiantes o caminho que prossegue rumo ao encontro com Deus.

A exegese do poema em epígrafe torna-se mais objetiva com a apresentação da estrutura literária do livro em que se encontra, a abordagem da temática de todo o Eclesiastes, o enfoque da situação existencial da velhice e a explicação do objetivo do autor. Segue-se a explicação do poema e o comentário, incluída também a indicação do contexto imediato para salientar sua relevância como mensagem de valor perene.

1 Estrutura literária do livro de *Coélet*

Prólogo (1,1-3): O objetivo do autor é a busca do sentido da felicidade humana frente à fugacidade da vida.

I. *Cosmologia* (1,4-11): Suas reflexões abrangem as diversas áreas da filosofia, começando pela cosmologia.

II. *Antropologia* (1,12-3,15): As informações sobre a história da cultura e civilização mostram as limitações e as conquistas feitas pela humanidade.

III. *Ética social* (3,16-6,10): A vida em sociedade impõe obrigações para o progresso e defesa contra situações de iniquidade.

IV. *Crítica das ideologias* (6,11-9,6): Os princípios da doutrina sapiencial para a orientação da existência humana precisam ser analisados por cada geração à luz dos valores e das implicações.

V. *Ética de atitudes* (9,7-12,8): As motivações do agir humano e a busca da autotranscendência são poderoso estímulo ao esforço de conformar as atitudes com as convicções.

Epílogo (12,8-14): A temática do livro é retomada na conclusão.



2 Temática do livro

A *temática* de toda a filosofia do autor está condensada no termo: “vaidade” (em hebr. *hebel*), que corresponde à “fugacidade da vida”. A freqüente ocorrência desse termo *hebel*, chegando a sessenta e quatro vezes (64) no livro de *Coélet* (ou *Eclesiastes*), indica a ênfase que lhe é atribuída pelo autor. Trata-se da perspectiva antropológica que estuda o ser humano em sua situação contingente e efêmera. Essa temática torna-se importante para todos, porque somente aquele que é consciente da morte sabe que assim é; nisso está sua grandeza e também sua insignificância: *grandeza*, enquanto pela própria experiência sabe que sua existência, para ser autêntica e profunda, tem de ser perene e por isso a certeza da imortalidade está inerente à sua alma; *insignificância*, por ser efêmero o fruto do seu trabalho e frustrado todo o esforço empreendido para realizá-lo.

Com efeito, o ser humano é o único capaz de tomar consciência da autotranscendência especialmente nas *situações-limite* entre a fugacidade da vida (*hebel*) e o perigo de morte, entre a fé na ressurreição dos mortos e a incerteza a respeito do destino: uma eternidade feliz ou infeliz. É de notar-se, porém, que não é à luz da reflexão teórica sobre a autotranscendência que se abrem novas perspectivas, mas na angústia e na inquietação sobre a “fugacidade da vida”, bem como na busca de uma resposta às incertezas que atormentam os seres humanos. Nesses estados de espírito, as pessoas descobrem a ruptura e a contradição entre o que se é de fato e o que se aspira a ser.

Outra abordagem dessa temática é a interpretação do livro de *Coélet* em termos de encontro com Deus “pela porta dos fundos”, como é proposto por N. LOHFINK. Através de questionamentos e indagações e na meditação sobre a fugacidade da vida, a pessoa que busca uma solução está de fato a caminho para o encontro com Deus. Em verdade, é um caminho um tanto trabalhoso e mais lento do que aquele que leva a Deus “pela porta da frente”, que se abre aos fiéis pela integração na comunidade de fé e pela participação na santa liturgia através da oração comunitária e da recepção dos sagrados dons do altar.

Podemos mencionar também a tentativa de interpretação do livro de *Coélet* em termos de pessimismo, apoiado na hipótese de uma corrente de pensamento que reflete um contexto histórico e cultural em declínio, incluídos alguns indícios de decadência de toda uma época da Antigüidade. Há porém um sério percalço nesta linha de interpretação, porque supõe um dualismo como pano de fundo da concepção do mundo e da finitude de toda a realidade, considerada intrinsecamente viciada e má. Embora esta hipótese se encontre nas considerações melancólicas já aventadas na interpretação da “Canção do Harpista”, da literatura egípcia antiga (ANET, p. 467), não existem argumentos a favor desta tese hipotética que se queira aplicar ao próprio livro de *Coélet*.



3 Situação existencial da velhice

O “poema sobre a velhice” abre uma visão de vida e uma espiritualidade capazes de dar sentido mais profundo a cada uma das idades da existência humana, já desde a juventude. A fé pessoal do *Coélet*, projetada sobre a existência humana, vai iluminando-a e oferecendo-lhe a dimensão espiritual da vida como antídoto à desumanização de quem se sente relegado ao esquecimento e excluído do convívio humano. Neste poema, o velho está sendo interpelado a procurar no íntimo da alma as raízes mais profundas da sua fé que a sustentem em meio à solidão, ao lembrar-se de sua vivência da fé no contexto da liturgia comunitária quando participava ativamente das celebrações litúrgicas. A própria celebração é um memorial da presença atuante de Deus no meio do seu povo e junto aos fiéis que pedem se vá até sua casa para confortar os idosos e enfermos da família.

Além disso, a vivência da fé oferece contínuo estímulo aos velhos para orientarem seus desejos por algo a mais que eles de outra maneira não haveriam de querer obter: a eterna bem-aventurança no céu e a participação na glória de Deus. A velhice pode ser dolorosa porque implica desprendimento de algo muito precioso: saúde, vida terrena, profissão, amigos, familiares. Eis a função pedagógica da velhice: ensina o desprendimento dos bens vitais, abre a vista para a solidariedade com a grande massa da humanidade sofrida, e desperta o desejo de um bem transcendente. Pelo visto, tal pedagogia é às vezes até necessária para que alguém possa preparar-se para entrar na vida eterna. É que o trânsito da vida terrestre para a celeste não é mera troca de lugar, como passar da mesa para a sobremesa, ou permuta da vida na terra pela mesma vida depois passada a limpo no céu. Pois o céu é um dom que Deus dá aos que se esforçam para alcançá-lo.

Por fim, a situação existencial da velhice, por mais frustrante que possa ser para os velhos, pode tornar-se uma oportunidade para real progresso na vida espiritual. Pois se algum deles estiver prestes a descambar para a mediocridade ou a tibieza e pouco se empenhar para sair dessa situação, Deus poderá permitir que provações venham a corrigi-lo quando o bem da alma o requeira. Daí, o itinerário espiritual dos velhos vai integrando a experiência de uma fé amadurecida, e é valorizado pela união com os fiéis da comunidade eclesial.

4 O objetivo do autor do livro

O tema central do livro de *Coélet* é oferecido aos leitores para o diálogo entre os fiéis e os descrentes, no contexto das pesquisas sobre os valores autenticamente humanos e as metas da autotranscendência. À luz da reflexão sapiencial, e mediante



uma análise ampla e refletida por além da fenomenologia das aparências, o autor procura decifrar e explicar o sentido profundo e completo do ser humano.

Já que o livro de *Coélet* e os outros livros sapienciais não eram lidos comumente na Palestina, mas na diáspora, isto é, nas comunidades judaicas fora da Palestina, devemos concluir que se destinam ao *aprofundamento* dos temas da revelação divina, à *reflexão* dos valores autenticamente humanos e à busca de *solução* dos problemas, que desafiam os fiéis na sociedade secularizada de então. Pois na diáspora eram os fiéis uma minoria religiosa em sério perigo de serem absorvidos por uma maioria de outras crenças. Surgiu daí uma nova forma de incentivar a fidelidade à fé através da atividade sapiencial, visando um diálogo proveitoso com os que procuram a Deus e mostrando-lhes a pedagogia de Deus, que vai ao encontro da pessoa humana. Seu objetivo é tornar acessíveis a todas as pessoas os frutos da salvação divina através do empenho para elevar as almas a horizontes nos quais é possível descortinar-lhes sua destinação sobrenatural e abri-las para o dom da graça e da vocação divina.

A perspectiva pastoral, que o “poema sobre a velhice” oferece à reflexão da comunidade de fé, corresponde ao objetivo de fazer uma reflexão sobre a vivência da fé entre os idosos, fornecendo assim subsídios para uma Pastoral da Terceira Idade que se inspire na mensagem de uma espiritualidade alvissareira, a fim de que possam dar frutos de salvação. Nesta perspectiva, os velhos vêem a realização de sua vida na proclamação do louvor a Deus no seio da comunidade dos fiéis.

5 Texto e notas explicativas

¹ Lembra-te do teu Criador, nos dias da juventude,
antes que venham os dias nefastos
e cheguem os anos dos quais dirás: “Não gosto deles!”

² Antes que se obscureçam a luz do sol,
a lua e as estrelas,

e voltem as nuvens depois da chuva! —

³ Naquele dia os guardas da casa começarão a tremer,
e os homens robustos a se encurvar;

os moleiros, por serem poucos, cessarão de moer,
e ficarão embaciados os que olham pelas janelas;

⁴ as portas sobre a rua se fecharão,
e diminuirá o ruído do moinho;

quando alguém se põe a prumo ao cantar do pássaro
e enfraquecem todas as filhas da canção;

⁵ haverá medo das alturas e sobressaltos no caminho plano;
a amendoeira há de florescer,



*o gafanhoto, engordar, e a alcaparra, estalar:
então o homem seguirá para a morada eterna,
e pelas ruas andarão os carpidores —
⁶ antes que se solte o fio de prata
e se despedace a baixela de ouro;
quebre-se o cântaro na fonte
e se arrebente a roldana do poço;
⁷ o pó volte à terra, como era,
e o espírito volte para Deus, que o concedeu.*

¹ “*Lembra-te*”, no modo imperativo, como exortação enfática para que o reconhecimento de Deus esteja presente na reflexão e meditação dos idosos.

² Os fenômenos da natureza, típicos da estação do inverno palestinese, são imagem do declínio das forças vitais.

³⁻⁵ A velhice é um declínio da vitalidade humana, dificultando o desempenho do dever de reconhecer a Deus, como também de outras atividades físicas e mentais.

³ Enfraquecimento do corpo humano. Os membros do corpo são substantivos femininos em hebraico: “guardas da casa” são os braços; “homens robustos” são as pernas; “moleiros” são os dentes; “os que olham pela janela” são os olhos sob as pálpebras semi-cerradas.

⁴ “Portas” são os lábios; “moinho” é a boca; “pôr-se a prumo ao cantar do pássaro” significa erguer-se da cadeira em que se estava para ouvir melhor o trinar do pássaro, porque na velhice enfraquece o sentido da audição; o sujeito do verbo é indeterminado, designando um dos velhos; “filhas do canto” são os sons ou as melodias que os ouvidos têm dificuldade de perceber por causa da crescente surdez. Outros exegetas interpretam as “filhas do canto” em termos de cordas vocais.

⁵ O estado de debilidade física dos idosos manifesta-se pelo “medo das alturas”, ao subirem ao terraço da casa, e “sobressaltos no caminho plano”, quando saem de casa.

Época de transição entre o inverno e a primavera: o presságio aos idosos da morte iminente é descrito com os fenômenos da natureza na passagem do inverno para a primavera, estação do ano em que, no hemisfério norte, ocorre a maioria de óbitos entre pessoas da terceira idade [isso se pode ver numa visita aos cemitérios, verificando nas lápides a data de falecimento]: a) “a amendoeira floresce” é a época do final de janeiro ou do início de fevereiro; b) “o gafanhoto se arrasta” indica o começo da primavera, quando as larvas se juntam em grande quantidade, arrastando-se em sucessão no solo em busca de alimento; ao crescerem rapidamente, surgem as pernas traseiras e as asas, facilitando o movimento por terra e ar ao se deslocarem em bandos para outras regiões; c) “a alcaparra estala” refere-se às



frutinhas aromáticas da alcaparreira que são colhidas antes de estalarem as cápsulas, na primavera.

Os “carpidores” são pranteadores profissionais que vêm se ajuntando pelas ruas em direção à casa funerária para prestar seus serviços à família do defunto, entoando cânticos fúnebres.

⁶ Após a morte haverá perda dos objetos de uso pessoal: “cordão de prata, baixela de ouro, cântaro da fonte e roldana do poço”. Antes do sepultamento “é removido o cordão de prata” onde estava preso o sinete, cuja gravura representava a sigla do seu dono; “é despedaçada a baixela de ouro”, isto é o utensílio para serviço de mesa; “é quebrado o cântaro na fonte”, do qual o dono de casa bebia água; “se arrebenta a roldana do poço”, como gesto típico de findar o uso privativo da fonte de água.

⁷ Perda da vida terrestre: a morte do ser humano ocorre no momento da separação definitiva da alma e do corpo. Não é mera “morte clínica”, que consiste na cessação das funções essenciais do corpo, mas não implica necessariamente a separação da alma e do corpo. Ao contrário, a “morte absoluta” se verifica na separação definitiva, quando “o corpo” volta ao pó; “o espírito” volta para Deus.

“O pó volte à terra, como era”: convém notar a diferença entre a terminologia bíblica e a científica na referência aos elementos constitutivos do corpo humano. A biologia molecular fala do DNA para identificar o material genético do corpo humano. O conjunto de células que compõem o nosso corpo é matéria orgânica. Entretanto, a Bíblia diz que o corpo humano foi feito do “pó da terra”. Ora, o termo hebraico *‘afar* (pó) significa a matéria bruta e inorgânica, nunca por si só algo orgânico. Os comentaristas procuram explicar esse texto partindo da experiência universal de que o corpo humano, depois de morto, se converte em “pó”; por isso, segundo o modo primitivo de tirar a conclusão, se diz que fundamentalmente está feito de “pó”. Esta origem do corpo humano a partir do pó aparece na literatura clássica greco-latina como também no folclore oriental. Outra hipótese, proposta por alguns intérpretes, admite a possibilidade de tratar-se de uma etimologia popular do nome “Adão”, significando “aquele que é feito de barro vermelho” (*‘adamah*), o que permite estabelecer uma analogia entre as partículas do corpo físico e o “pó da terra”.



6 Estrutura do poema e seu comentário

- ¹ Exortação ao reconhecimento de Deus
- ² Descrição do inverno
- ³⁻⁵ Prenúncio do fim da vida
- ⁶ Perda dos bens
- ⁷ Perda da vida

1 Exortação ao reconhecimento de Deus. Trata-se do conhecimento humano mediante a capacidade de recordar espontaneamente o passado, mas também por meio da reminiscência dos dados cognitivos, que foram assimilados durante a vida de cada pessoa. Não é por acaso que o autor use o verbo “lembrar” para referir-se à assimilação de conhecimentos, pois na juventude se adquirem novos, ao passo que na velhice se evocam idéias e eventos passados. O próprio conteúdo das recordações que são evocadas na memória dos velhos não vem de eventos recentes, mas do que se passou “nos dias da juventude”. Se, portanto, às experiências da juventude forem associados conteúdos das vivências de fé e das convicções religiosas, na velhice serão esses conteúdos que terão prioridade nas recordações de experiências passadas. A explicação parece estar na *fixação* das vivências pessoais no contexto da comunidade dos fiéis, na *conservação* delas pela interiorização das exigências anexas, na *evocação* dos ensinamentos em encontros comunitários, e no *reconhecimento* inspirado por um sentimento de familiaridade originado na experiência pessoal da união com Deus. Os temas que foram evocados na liturgia transmitem a revelação divina através da autocomunicação de Deus ao longo da história religiosa do seu povo. O significado do verbo “lembrar-se”, neste contexto, é bem apropriado à situação de pessoas idosas que já não estão em condições de frequentar assiduamente as celebrações litúrgicas, mas se encontram confinadas em casa, presas a uma cadeira de rodas ou acamadas. A única maneira de associar-se espiritualmente à comunidade dos fiéis, reunidos em liturgia, é através de sua prece e da recordação do passado, quando pessoalmente participavam da sagrada liturgia.

2 Descrição do inverno: A época do ano que entra em questão é o inverno e não o outono, porque no Oriente Médio é essa a estação chuvosa; o céu está encoberto de nuvens e o tempo enevoado. Os fenômenos da natureza, típicos da estação do inverno palestinese, são imagem do declínio da vitalidade dos velhos.

3-5 Prenúncio do fim da vida: em sucessão progressiva aparecem os sintomas de enfraquecimento das forças vitais do ser humano. A descrição dos achaques e as circunstâncias do fim da vida temporal ressaltam cinco características da experiência traumatizante da morte biológica: a) inelutabilidade, b) inexorabilidade, c) temibilidade, d) iminência, e) universalidade.



3 *Definhamento* do corpo humano, cujos braços, pernas, dentes e olhos estão sofrendo desgaste e declínio. Embora as partes doentes do corpo possam ser recuperadas em clínicas e consultórios médicos, não há uma cura definitiva para as doenças, pois todos têm de morrer: é a *inelutabilidade* da morte.

4 *Enfraquecimento* dos meios de comunicação: os lábios debilitam-se, a boca definha, a audição dificulta-se e o ouvido fica surdo; sintomas da *inexorabilidade* da morte.

5 *Declínio* dos meios de locomoção: medo das alturas e sobressaltos no caminho plano; trata-se da *temibilidade* da morte.

Época de transição entre inverno e primavera, no hemisfério norte, como momento próprio da morte iminente dos velhos: a) no final de janeiro e início de fevereiro; b) no começo da primavera; c) na mudança de temperatura fria para temperada da primavera: indício da *iminência* da morte.

Os *ritos fúnebres*, celebrados pelos povos mais diversos, são a última homenagem prestada aos defuntos, significando a *universalidade* da morte.

6 *Perda dos bens*: A idéia do despojamento de todos os bens do falecido na hora da morte é expressa em *Coélet* (5,14) e em Jó (1,21): “nu saí do seio de minha mãe e nu voltarei a ela (i.é, à mãe terra)”. A atitude que se visa suscitar nos velhos não é de resignação fatalista, revolta ou desespero, mas de confiança filial no Criador que agraciou suas criaturas com muitos bens durante a vida na terra para proporcionar-lhes a felicidade. Há uma relação entre o domínio temporal do homem sobre o usufruto dos bens, e o domínio absoluto do Criador sobre o universo para manifestar a sua perfeição pelos bens que transmite às criaturas como sinal de sua benevolência. Essa relação entre Criador e criatura quer levar-nos a reconhecer a finalidade da própria criação, cujo objetivo é a glória de Deus e a felicidade do ser humano. Nisto podemos encontrar um argumento da imortalidade com base no anseio de felicidade a ser plenamente satisfeito a qual, para ser verdadeira e profunda, tem de ser perene, para além da morte.

7 *Perda da vida*: A morte do ser humano implica a separação definitiva da alma e do corpo. As imagens dos elementos constitutivos do ser humano são tiradas do livro do Gênesis, com algumas variantes: “pó da terra” é alusão a Gn 2,7, “pó do solo”; a frase “volta à terra” alude a Gn 3,19 “voltarás ao solo, pois dele foste tirado”. Quanto ao elemento espiritual ocorre a palavra “espírito” (em hebr.: *rû^{ah}*), que é diferente das palavras usadas em Gn (2,7), tais como “sopro” (em hebr.: *n^ešamâ*) e “alma” (em hebr.: *nefeš*). As variantes podem ser atribuídas aos diferentes contextos literários seja do livro do Gênesis ou de *Coélet*. Assim, segundo a antropologia hebraica, o homem, em todo o seu ser, é ao mesmo tempo “carne” (ser mortal), “alma” (dinamismo vital difundido em toda a pessoa) e “espírito” (vida unida à sua fonte divina).

No livro do Gênesis consta o relato da criação do homem na terra. É de notar-se que a interpretação do texto bíblico tem de levar em conta sua característica



como meio de comunicação da revelação divina, com duplo objetivo: primeiro, o *ensino* de uma verdade e, segundo, a *refutação* de um mito pagão. Esse texto visa ensinar-nos que o homem é criado na terra e, ao mesmo tempo, quer refutar o mito egípcio sobre a matéria cósmica que se teria usado na criação do corpo humano. Implica também a rejeição do mito da preexistência de membros humanos em forma separada que, antes da criação, se encontrariam no firmamento e posteriormente teriam sido ajuntados num corpo terrestre, também segundo a mitologia egípcia.

Na concepção mítica dos antigos egípcios, o homem é apresentado como um microcosmo, cuja imagem estaria localizada no firmamento, espaço ocupado por uma divindade que representa o macrocosmo, isto é, o universo concebido como um organismo vivo. Cada um dos membros humanos se encontraria no céu empíreo acima do zodíaco, em áreas alocadas a outros 36, ou 12 deuses. Isto se interpreta literalmente, no sentido de cada membro do corpo humano possuir uma peça sobressalente no macrocosmo, situado no firmamento. Assim, cada membro do corpo existiria separadamente no firmamento antes de ser constituído como parte integrante do corpo terrestre de um indivíduo, isto é, a *preexistência do corpo*. Após a morte, cada uma das partes do corpo juntamente com a alma retornaria para o firmamento. Por outro lado, no orfismo e na filosofia platônica se ensinava a *preexistência da alma*, independente do corpo terrestre.

Na antropologia bíblica, a origem do homem se situa na terra e não no firmamento. Seus elementos corpóreos têm muita coisa em comum com as outras criaturas sobre a terra: esses elementos têm analogia com as partículas do “pó da terra” e não têm nada a ver com matéria sublimada, que se encontraria no firmamento. Além disso, a analogia entre o “pó da terra” e a matéria corpórea ilustra o fato de que o corpo humano não é substância completa, pois precisa da alma para lhe dar forma e para começar a existir, no momento da união de ambos; é que a alma se une ao corpo organizado e não aos elementos em vias de nele se integrar. Por conseguinte, não se aceita a crença na preexistência do corpo nem na origem do corpo antes da alma. Tampouco se pode admitir a concepção errada da preexistência atual de infinitas almas que se uniriam a diversos corpos. Finalmente, não é possível que uma alma penetre em qualquer corpo humano, devido ao princípio de proporcionalidade entre a alma deste homem e o corpo do mesmo homem.

O que nos desperta o interesse no texto bíblico da criação do homem não é o “ser” do homem, mas sim o seu “devir”. Para expressar isso, o autor emprega uma metáfora como meio de transmitir a mensagem divina. Trata-se do processo de hominização, que não está sujeito à necessidade absoluta de um determinismo biológico, mas depende do conjunto de condições e causas da evolução e da causalidade criadora de Deus. A maneira sugestiva de mostrar o ser humano como obra-prima da criação é a metáfora do Criador personificado pela figura de um artista plástico. O remate final da atividade criadora é o tratamento todo especial dispensado à figura humana, que recebe da boca do Criador o hálito de vida, visualizando-se nesse gesto duas coisas: primeiro, o dom da vida é um dom gratuito



de Deus; segundo, a incomparável *dignidade da pessoa* e a função de *interlocutor com Deus* são poderosos estímulos para o homem usar sua voz, sua boca e seus lábios na proclamação da fé, no ensino das verdades divinas e na oração litúrgica da comunidade dos fiéis. É disso que o ancião tem de se lembrar, como *Coélet* o diz expressamente.

O autor bíblico apresenta também outra imagem do ser humano. Acentua a sua fraqueza e caducidade, já que o homem é formado do pó da terra e pelo sopro da vida que Deus lhe inspirou, o que faz dele um ser vivente. Deus pode retirar esse sopro vivificador do homem, como diz *Coélet*: “o pó voltará à terra, como era, e o espírito voltará a Deus que o concedeu” (12,7). Entretanto, o “espírito” não é um fantasma sem identidade nem valor, já que estará acompanhado do fruto das obras realizadas durante a vida terrestre: “as obras dos falecidos acompanham-nos” na ida para o encontro com Deus (Ap 14,13).

Coélet trata do destino do ser humano após a morte: “o espírito volta para Deus, que o concedeu”. O significado desta frase se interpreta não por meio da teoria grega da imortalidade da alma, nem à luz da hipótese de que sua “alma” seja absorvida por Deus, mas sim no sentido de plenitude do “espírito”, isto é, a vida unida à sua fonte divina.

Convém ter presente o fato de haver grande diferença entre as reflexões humanas que se sublimam na transcendência, e os dados da revelação divina sobre os dons preternaturais. Assim, por exemplo, as especulações metafísicas sobre a imortalidade da alma procuram explicar a sobrevivência apenas do elemento espiritual do homem. Por outro lado, à luz da revelação divina, cremos na sobrevivência do “homem todo” depois da morte, graças ao dom preternatural concedido por Deus (cf 1Cor 15). É de notar-se, porém, que essa sobrevivência comporta dois estados distintos: glorioso ou réprobo (Jo 5,29). Por isso, *Coélet* chama a atenção dos jovens para que, no desfrute da alegria da vida, se lembrem de sua responsabilidade sobre o seu agir. Pois vão dar contas a Deus sobre todas as suas ações.

7 Contexto do poema

O “poema sobre a velhice” está inserido no contexto das reflexões sobre a vivência de uma espiritualidade alegre e a perspectiva da autotranscendência do homem. Essa vivência alegre é recomendada por *Coélet* no “poema sobre a juventude” (11,7-10). Com palavras bem sugestivas, o autor aconselha os jovens a desfrutarem do dom precioso da vida enquanto tiverem saúde, porque regozijar-se nos anos da juventude é próprio de um sereno e confiante otimismo. Por outro lado, pessimismo e vida desregada com danos à saúde privam o jovem da alegria. Lembra-lhes também a não esquecerem a responsabilidade de seus atos perante Deus, a quem deverão prestar contas da vida passada. Após o “poema sobre a velhice” segue o epílogo do livro (12,8-14), no qual o autor retoma a temática de sua reflexão



sapiencial sobre a “fugacidade da vida” (em hebr.: *hebel*). Não são considerações teóricas sobre a vida humana ou motivações que incentivaram as atividades profissionais e o desempenho dos afazeres cotidianos, mas reflexões imbuídas de uma vivência da espiritualidade bíblica sobre a fruição do dom da vida, inserida no tecido biológico e sociológico, continuamente vitalizada pelo sopro imortal do Criador.

Conclusão

A mensagem do “Poema sobre a Velhice” tem valor perene pela reflexão sobre a auto-transcendência, especialmente nas *situações-limite* entre a fugacidade da vida e o perigo de morte, entre a fé na ressurreição dos mortos e a incerteza a respeito do nosso destino: uma eternidade feliz ou infeliz. É de notar-se, porém, que não é à luz da reflexão teórica sobre a auto-transcendência que se abrem novas perspectivas, mas na angústia e na inquietação sobre a “fugacidade da vida”, bem como na busca de uma resposta às incertezas que atormentam o ser humano. Nesses estados de espírito, as pessoas descobrem não somente a ruptura e a contradição entre o que se é de fato e o que se aspira a ser, mas também sua grandeza como criaturas de Deus e o sentido de sua trajetória.

Bibliografia

- M. GILBERT, “*Les Livres Sapientiaux de l’Ancien Testament*”, III. Qohélet, in: *Esprit et Vie*, n° 49 Dec. 2001, p. 15-19; n° 50, Jan. 2002, p. 16-21.
- G. BELLIA — A. PASSARO, **Il Libro del Qohelet. Traduzione, redazione, teologia**, Paoline, Milano 2001.
- J.-J. LAVOI, **La pensée du Qohélet. Étude exégétique et intertextuelle** (Héritage et projet 49), Fides, Québec 1992.
- N. LOHFINK, **Kohelet. Kommentar zum Neuen Testament mit der Einheitsübersetzung**, Echter Verlag, Stuttgart 1980.
- T. LONGMAN III, **The Book of Ecclesiastes** (NIOT), W.B. Eerdmans, Grand Rapids — Cambridge 1998.
- CH.-L. SEOW, **Ecclesiastes. A New Translation with Introduction and Commentary** (Anchor Bible 18C), Doubleday, New York 1997.

Endereço do Autor:

Colégio Catarinense
Rua Esteves Júnior, 711
88015-130 FLORIANÓPOLIS, SC
email: peluis@colegiocatarinense.g12.br